



JOÃO BAPTISTA BORGES PEREIRA

Italianos no protestantismo brasileiro: a face esquecida pela história da imigração

**JOÃO BAPTISTA
BORGES PEREIRA**
é antropólogo, professor
emérito da USP,
professor do curso
de pós-graduação
da Universidade
Presbiteriana Mackenzie e
autor de, entre outros,
*Italianos no Mundo Rural
Paulista* (Edusp).

INTRODUÇÃO

Este artigo pretende focalizar os primórdios da Congregação Cristã no Brasil, uma expressiva corrente pentecostal que, desde as primeiras décadas do século XIX, compõe o nuançado cenário protestante brasileiro e, como tal, é parte, nos dias atuais, da diversidade do campo religioso do país, que se intensificou ao longo e ao final do século passado (1).

Neste estudo, a Congregação Cristã no Brasil – o texto temático – será contextualizada em dois planos: o plano da imigração italiana e o plano do protestantismo brasileiro.

A IMIGRAÇÃO ITALIANA

Desde o transcorrer dos séculos XIX-XX, a Itália colocou no Brasil cerca de um milhão e quinhentos mil imigrantes, o que faz desse contingente, depois do português, o mais expressivo dentre as mais de cem nacionalidades que vieram compor o país-plural de hoje.

Por que tal preferência? Pode-se pelo menos apontar quatro ordens de fatores que poderiam responder, em conjunto, a essa pergunta.

A primeira, a mais citada, de caráter economicista, estaria vinculada, no Sudeste, à substituição da mão-de-obra escravizada pelo agricultor italiano assalariado.

A segunda, de natureza racial, estaria embutida no projeto político de branqueamento do país, com a participação dos po-

vos europeus, o que poria, pelo menos em termos numéricos, em segundo plano a população negra, quebrando, dessa forma, em favor do segmento branco, o então considerado “perigoso” equilíbrio demográfico entre as duas “raças”.

A terceira, de conotação cultural, estaria refletida na preocupação da política migratória em não trazer para o Brasil populações culturalmente distantes de nosso modelo, daí por que foi problemática e tardia a inclusão de japoneses nessa empreitada. A vinda de imigrantes japoneses, em 1908, desafiava, a um só tempo, os princípios de natureza racial e cultural, pois introduzia no país população *amarela* e portadora de cultura oriental (2).

Finalmente, a quarta ordem de fatores que explicaria a preferência pelo imigrante italiano, ainda que de cunho cultural, estaria focada na religião, mais especificamente no catolicismo romano. A chegada de um grande contingente de imigrantes católicos apostólicos romanos iria reforçar a igreja católica ultramontana, que tentava revitalizar a ortodoxia religiosa, mas estava sendo fragilizada pela perda de certas prerrogativas históricas, como a sua separação do Estado que, como se sabe, somente se concretizou com o advento da República (3).

Em resumo, o italiano, além de bom trabalhador rural, europeu, branco e católico romano, expressava, como o Brasil, a identidade cultural latina. Nesse ponto, o grupo peninsular distanciava-se da leva migratória alemã que o antecedeu na ocupação de áreas tidas como desabitadas na região meridional. Os alemães, ainda que muito valorizados pelo quesito “raça branca”, ostentavam perante essa política migratória dois traços desfavoráveis: além de serem considerados mais resistentes à assimilação (4), eram, predominantemente, protestantes luteranos. Um protestantismo que pouco incomodava o Brasil católico, pois nunca se preocupou com a conversão de fiéis. Sua função primordial era dar assistência religiosa aos imigrantes alemães, nada mais. Aos poucos, a religião foi se transformando em peça central no proces-

Artigo elaborado a partir de comunicação feita no Colóquio Internacional “Fundação e Migrações. Civilização e Trabalho Italiano”, realizado em São Paulo, de 8 a 10/9/2004, organizado pela Prefeitura de São Paulo, pela Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, pelo Consiglio Nazionale delle Ricerche e pelo Centro Studi Brasiliani dell’Università di Sassari (Cesb).

1 “Protestante” é o nome genérico e historicamente enraizado, adotado por alguns autores, para dar rótulo a um arco de denominações, indo do protestantismo histórico até o neopentecostalismo. Nem todos os autores e nem todas as denominações aceitam essa nomenclatura classificatória, preferindo, quase sempre, o termo “evangélico”.

2 O Decreto 528, assinado pelo Marechal Deodoro, proclamador e primeiro presidente da República, em seus três primeiros artigos, especifica que não teriam acesso aos portos brasileiros, como imigrantes, os “indígenas da Ásia e da África”.

so de construção da identidade étnica do grupo, fenômeno que ocorreu também com os italianos. Esse processo histórico transforma *religiões universais* em *religiões circunstancialmente étnicas*, na medida em que estabelece, como expressões sinônimas, luteranismo e germanidade (5), e catolicismo e italianidade (6).

Na retórica das discussões sobre política migratória brasileira, as razões de conotação racial e religiosa pouco ou nada são explicitadas. No entanto, as entrelinhas desse discurso e a análise do processo histórico permitem ao estudioso encontrar dados para confirmar tais teses. É o que têm feito, não a historiografia tradicional, mas a sociologia e, notadamente, a antropologia (social e cultural). Nessa linha de reflexão, é oportuno lembrar que, em 1818, D. João VI, em decreto de 6 de maio do mesmo ano, concordou com a fixação de cem famílias do cantão de Fribourg, Suíça, em terras brasileiras, desde que as mesmas fossem católicas (Schiavo, 1997, pp. 35-6). No tocante aos italianos, registre-se que o Brasil, a rigor, não recebeu imigrantes valdenses, ou valdeses, os pré-reformados do século XIII. Sabe-se da vinda de uma ou duas famílias que se radicaram em São Paulo e freqüentavam a I Igreja Presbiteriana Independente do Brasil. Enquanto as fronteiras do Brasil se fecharam para esses não-católicos italianos, tais imigrantes eram encaminhados para as regiões meridionais do continente americano e, principalmente, para os Estados Unidos (7).

Caio Prado Jr., ao tratar da imigração estrangeira no Brasil, faz distinção entre dois sistemas: o sistema de imigração e o sistema de colonização (Prado Jr., 1945). O primeiro predominou na região Sudeste e o segundo, na região meridional do país. Cada sistema teria gerado mecanismos específicos de acesso à terra, diferentes níveis de integração à sociedade hospedeira, estilos de vida próprios e diversos perfis de identidade étnica, no caso, da italianidade. Assim, os italianos do Sudeste (incluindo-se no Sudeste, pelos aspectos econômicos, padrão do uso da terra, estilo de vida, os nortes velho e novo do Paraná) não ocupa-

vam territórios étnicos comuns, pois que eram assalariados de fazendas de café, coabitavam, em geral, núcleos coloniais mistos e logo se dispersaram pelas cidades, exercendo funções urbanas e participando ativamente da vida nacional. Como se verá, comparados aos italianos que se fixaram na região meridional – mais localistas e etnicistas – os do Sudeste podem ser considerados universalistas ou, pelo menos, mais universalistas. Basta citar como exemplo dessa característica a grande participação de italianos e seus descendentes na Semana de Arte Moderna de São Paulo, como Menotti Del Picchia, na poesia; Anita Malfatti e Cândido Portinari, na pintura; Victor Brecheret, na escultura, e Francesco Mignone, na música. Isto para ficar apenas em alguns nomes expressivos do Modernismo brasileiro.

Já os italianos das áreas meridionais do Brasil, no sistema de colonização, ocuparam pequenas propriedades rurais que, pela contigüidade espacial, formavam extensos, compactos e fechados territórios étnicos, marcados simbolicamente por uma toponímia da paisagem e um estilo arquitetônico camponês que lembrava regiões da Itália (Borges Pereira, 2003).

Como se verá, embora os imigrantes peninsulares de ambos os sistemas fossem confessadamente católicos romanos, como a maioria da população brasileira, foi, todavia, entre os italianos da colônia, ou do *sistema de colonização*, que o catolicismo encontrou e encontra até a atualidade os seus aliados (8). Por outro lado, foi na região Sudeste, ou no *sistema de imigração*, que o protestantismo alcançou, por vias não previstas pela política migratória, os imigrantes italianos. Afinal, foi no Sudeste, notadamente em São Paulo, que a universalidade italiana se revela, não apenas nas artes, mas também na constituição do empresariado e do operariado, nas greves do final da década de 10 (século XX) e no pensamento revolucionário anarquista. O campo religioso não passaria incólume por todo esse processo histórico de mudanças, onde o traço étnico esteve sempre presente.

3 Sabese que, em 1887, por iniciativa do bispo de Piacenza Don Giovanni Battista Scalabrini, a igreja católica criou a sociedade missionária de São Carlos (padres carlistas ou scalabrinianos) para trabalho missionário junto aos imigrantes italianos nas duas Américas. Em 1895, foi criada congregação de religiosas carlistas com o mesmo objetivo. No Brasil, na transição dos séculos XIX-XX, os carlistas fixaram-se em São Paulo, no Paraná e no Rio Grande do Sul (cf. Mario Francesconi, 1985). Agradeço dados desta nota, bem como a indicação bibliográfica ao prof. José de Souza Martins.

4 Cf., por exemplo, Roquette-Pinto, 1927, p. 73.

5 Cf. Dreher, 2003.

6 José Roberto Severino, que realiza pesquisa histórica nessas formações sociais com vista à elaboração de tese de doutorado, na USP, sob a orientação da prof^a dr^a Zilda Yokoi, focaliza essa identidade entre italianidade e catolicidade (conforme, ainda, Zanini, 2002).

7 Os valdenses, ou valdeses, são um movimento religioso da segunda metade do século XIII, fundado por Pietro Valdo ou, na versão francesa, Pierre Valdes. No século XVI aderiu à Reforma, associando-se à Igreja Calvinista da Suíça. Atualmente, filiado à aliança Mundial Reformada, com sede em Genebra, ostenta o nome de Chiesa Evangélica Valdese.

8 Cf. Zanini, texto inédito.

O PROTESTANTISMO BRASILEIRO

Alguns autores (9) cunharam uma tipologia ou metáfora para explicar as diferentes fases da “invasão” do Brasil católico pelo protestantismo: a 1ª, a 2ª e a 3ª onda, ou vaga. Se se acrescentasse a essa tipologia uma pré-onda, espécie de onda primordial, ter-se-ia o seguinte quadro: na onda primordial, estariam as correntes reformadas e históricas. Dentre essas, a luterana trazida pelos imigrantes alemães e as chamadas correntes conversionistas (presbiterianos, metodistas e batistas), que chegaram ao Brasil, durante o século XIX, no reinado de D. Pedro II, com o objetivo de aliciar fiéis e de protestantizar um país historicamente católico (10). A 1ª onda, iniciada no começo do século XX, é constituída pelos protestantes pentecostais, enquanto a 2ª e a 3ª ondas são formadas, quase na totalidade, pelas múltiplas correntes chamadas neopentecostais, onde ganha visibilidade a Igreja Universal do Reino Deus.

O protestantismo, cujas raízes são italianas, situa-se na 1ª onda, data de 1910, autodenomina-se Congregação Cristã no Brasil e é chamado comum e pejorativamente de glória, glorinha, língua de fogo, etc. Ao lado da Assembléia de Deus, também da 1ª onda, constitui numericamente a mais importante igreja pentecostal do país. Os dados de 2002 mostram que a Congregação reunia cerca de dois milhões e duzentos mil fiéis e 18.700 pastores (ou anciões, como são denominados pelos fiéis) espalhados por todo o Brasil em 14.300 templos. Em número de membros ou fiéis, a Congregação Cristã no Brasil corresponde a aproximadamente 15% do total de protestantes pentecostais do país (11).

AS RAÍZES ITALIANAS DA CONGREGAÇÃO CRISTÃ NO BRASIL

A Congregação Cristã foi fundada pelo imigrante italiano valdense Luigi Frances-

con, nascido na província de Udine. Em 1886, Francescon, então com 27 anos, emigrou para os Estados Unidos e lá se ligou a uma comunidade protestante de Chicago, formada predominantemente pelos pré-reformistas valdenses ou valdeses, comunidade que depois se transformaria na Igreja Presbiteriana Italiana daquela cidade. Tempos depois, deixa a Igreja Presbiteriana e se filia à Igreja Batista, quando, em 1907, se familiariza com o Iluminismo centrado no batismo do espírito santo, na cura divina, exorcismo, profetismo e, principalmente, na glossolalia. São essas características que marcam a Congregação Cristã no Brasil e todo o movimento pentecostal (12). Antes de sua vinda ao Brasil, Francescon difundiu sua mensagem intensamente entre italianos dos Estados Unidos, reunindo-os em comunidades evangélicas. Alguns retornaram à Itália e lá, aliados aos valdenses, criaram expressivo movimento protestante, que foi objeto de apreciação de Benedetto Croce, em relação a uma igreja pentecostal surgida nos Abruzzes, no final do século XIX.

Em 1909, Francescon reemigra para a América do Sul: primeiro para a Argentina; depois para o Brasil (13).

Eis como ele narra a sua trajetória como líder evangélico no país:

“Em 8 março de 1910, por meio de uma decisão do Senhor partimos (Francescon e um de seus companheiros italianos) para São Paulo (Brasil). O dia seguinte à nossa chegada a essa capital nos encontramos, pela vontade de Deus, no Jardim da Luz, com um italiano chamado Vincenzo Pievani, ateu, morador de Santo Antônio da Platina (Paraná); nós lhe falamos da graça de Deus. Um outro italiano, A. Mascaro, aproximou-se de nós, depois outras pessoas de nacionalidade brasileira e católico-romanos. Nós permanecemos juntos em São Paulo, até 18 de abril. Por ordem do Senhor, nós nos separamos e Ele nos fez saber, em oração, que eu deveria partir para Santo Antônio da Platina.

Para chegar ao lugar onde o Senhor ordenou-me ir eu não tinha outro endereço se-

9 Ver, entre outros, Campos, 1999.

10 Cf. Mendonça & Velasques Filho, 1990; também, Ribeiro, 1973.

11 Ver Campos, 2004; também, IBGE, 2002.

12 Segundo tradutores do livro de Léonard (1952), Procoro Velasques Filho e Laide B. Velasques, o conceito de iluminismo difere do iluminismo como ilustração (século das luzes). Para Léonard, o iluminismo é usado como sinônimo de misticismo, pois se trata de uma “iluminação interior, de uma abertura para a captação direta das revelações divinas”.

13 Ver Léonard, 1952, p. 68.

não o seguinte: V. Pievani, Santo Antônio da Platina (Paraná); havia somente uma estrada de ferro que conduzia ao sudeste desse Estado, mas Santo Antônio da Platina se encontrava ao norte a mais de 200 km da estação mais próxima. Meu coração hesitava em pegar essa estrada, mas eu me senti impulsionado a ir à estação e consultar o mapa. O Espírito Santo indicou-me tomar a Sorocabana que percorria o leste do Estado de São Paulo, passando perto do norte do Estado do Paraná, tendo Salto Grande por término.

Parti de São Paulo às 5h30, com uma terrível dor nos rins que me impediu de comer durante todo o dia. Cheguei a Salto Grande às 23 horas. Aí o Senhor disse que havia tudo preparado para mim a fim de que eu cumprisse a missão. E assim foi. Mas eu tinha que fazer ainda quase 70 km a cavalo através de floresta virgens infestadas de onças e de outros animais ferozes que aí viviam. Pela graça de Deus fiz o restante da viagem com um guia indígena e cheguei a Santo Antônio da Platina em 20 de abril. Uma outra dificuldade que encontrei foi que eu não sabia uma palavra em português. Encontrava-me sem dinheiro e doente. Deus, todavia, que sustenta todos os corações em suas mãos, fez-me ver a primeira maravilha. Quando cheguei à localidade, encontrei na janela a mulher do italiano Vincenzo Pievani a quem o Senhor disse: ‘Eis o homem que envie’ (Notem que eu não era esperado aí). Fui assim recebido em sua casa e poucos dias após, o Senhor abriu seu coração e o de nove outras pessoas. Onze pessoas foram batizadas n’água e confirmadas pelas marcas do Altíssimo. Essas foram as primícias da grande obra de Deus neste país.

Logo após, o inimigo começou a trabalhar para destruir esta obra, mas foi em vão. O restante da população deste lugar, sabendo de minha vinda e de minha missão, tinha jurado matar-me. Eles tinham por chefe um padre de uma certa denominação. Isso teria acontecido se Deus não tivesse intervindo com Seus meios. O Senhor fez-me permanecer lá até 30 de junho. Eu estava pronto a entregar-me aos inimigos para poupar a

vida de alguns crentes que o Senhor havia chamado. Deus é testemunha, assim como os irmãos que habitam lá. Parti de Santo Antônio em 20 de junho para São Paulo. Apenas havia chegado a essa capital o Senhor permitiu que uma porta se abrisse e perto de 20 almas aceitaram a fé. Quase todos provaram o poder divino.

Uma grande parte deles era de presbiterianos; alguns batistas e metodistas. Alguns eram católico-romanos. Uns foram curados, outros selados com o Dom bendito do Espírito Santo. Em fins de setembro parti para o canal do Panamá” (14).

Após a fundação da igreja primordial, que passa a ser denominada Congregação Cristã no Brasil, Francescon, sempre guiado, segundo ele, pela vontade de Deus, volta a São Paulo, mais precisamente para o bairro do Brás, predominantemente habitado pelos imigrantes italianos. Nesse bairro, com o apoio de seus patrícios, operários e industriais, consolida a sua igreja, que hoje se espalha por todo o território nacional. Naquele bairro paulistano situa-se a *Vaticano*, ou a chamada igreja-mãe, da Congregação Cristã no Brasil (15).

CONCLUSÃO: A DILUIÇÃO DA MARCA ÉTNICA

Segundo Rolim, “o enraizamento da Congregação Cristã no Brasil foi, sem dúvida, tarefa de italianos e seus descendentes. Sua expansão, porém, foi obra de brasileiros conversos”. Esses brasileiros conversos vieram do catolicismo e também do protestantismo histórico. É preciso ressaltar que, em sua constituição inicial, a Congregação do Brás recebeu fiéis da Igreja Presbiteriana do bairro, cindida pela influência do Iluminismo e do carisma de pregador de Luigi Francescon.

Ficam bem delineadas na afirmativa de Rolim as duas fases pelas quais passou a Congregação Cristã no Brasil: a primeira, desde o seu nascedouro até a década de

14 Cf. biografia de Francescon publicada em 1924, em italiano, e difundida em português em 1942: *Resumo de uma Ramificação da Obra de Deus pelo Espírito Santo no Século Atual*.

15 Cf. Rolim, 1985.

1940, era identificada como uma igreja italiana, ou, para usar expressão de um entrevistado, em 1948, no bairro de Cerqueira César, uma “igrejinha de italianos”. Segundo, ainda, Rolim, as primeiras e sucessivas edições do hinário, ou livro de cânticos – *Hinos e Salmos Espirituais* – adotado pela Congregação até 1924, saíram com letras em italiano. A terceira edição, de 1935, era mista: parte das letras em italiano, parte em português. Finalmente, em 1943, a partir da 4ª edição, as letras do hinário são totalmente em português. O professor Antonio Candido, em pesquisa realizada entre os “glórias” de Piracicaba, nessa época, recebeu de entrevistado a afirmação de que “antigamente cantavam em italiano, depois de dez ou doze anos, eles cantam em português”. Na observação de outra entrevistadora, com exceção de um mulato e uma velha portuguesa, todos os que falavam durante o culto no salão do Brás “tinham sotaque italiano” (16).

A segunda fase começa com a pluralização étnica e social dos fiéis da congregação. Os dados pinçados nas exposições sobre a fase italiana já permitem levantar indícios dessa nova composição da igreja. A mesma pesquisadora que fez referência à “igrejinha italiana” registrou, no mesmo bairro de Cerqueira César, uma igreja onde 50% dos fiéis são descendentes de italianos e estrangeiros (espanhóis e portugueses). Notavam-se, também, “mulatos e al-

guns negros”. Essa pluralidade étnica foi percebida em igrejas de vários bairros paulistanos. No “Grande Salão do Brás”, em 1948, observava-se a mesma diversidade, porém, com predominância do italiano.

Léonard afirma que, diferentemente dos protestantes históricos mais aburguesados, a Congregação Cristã no Brasil era a face “proletária do protestantismo”. Roger Bastide, com dados oferecidos a Léonard, informa que em Pinheiros, no final da década de 1940, havia uma igreja com mais de “400 pessoas modestas, mas todas muito limpas, se bem que simples ou pobremente vestidas”. Antonio Candido, na pesquisa já citada, assinala que figuravam, “entre os fiéis mais ativos dessa Congregação (de Piracicaba), um pedreiro, um operário, um antigo mecânico de usina de açúcar e três empregados da estrada de ferro Sorocabana” (17).

Essa descaracterização da marca étnica original parece refletir, de um lado, a marcha, nem sempre tranqüila, do processo de aculturação dos italianos no Brasil. De outro, demonstra a “invasão” das denominações pentecostais e neopentecostais no país por parte de migrantes e segmentos mais pobres da população brasileira.

Seria interessante saber até que ponto os seguidores atuais da Congregação Cristã no Brasil cultuam ou, pelo menos, guardam na memória a ancestralidade étnica italiana da igreja fundada por Luigi Francescon.

16 Cf. Léonard, 1952, pp. 82-3.

17 Cf. Léonard, 1952, p. 81.

BIBLIOGRAFIA

BONI, Luiz A. de; COSTA, Rovilio (cura). *La Presenza Italiana nella Storia e nella Cultura de Brasile*. Torino, F. Giovanni Agnelli, 1991.

BORGES PEREIRA, João Baptista. *Italianos no Mundo Rural Paulista*. 2ª ed. São Paulo, Edusp, 2002.

_____. “Perfis de Italianidade no Brasil”, in Edilene Matos et al. (orgs.). *A Presença de Castello*. São Paulo, Humanitas/USP, 2003.

CAMARGO, Cândido P. F. de. *Católicos, Protestantes, Espíritas*. Petrópolis, Vozes, 1973.

CAMPOS, Leonildo S. *Teatro, Templo e Mercado*. 2ª ed. Petrópolis, Vozes/Umesp, 1999.

CORTEN, André. *Os Pobres e o Espírito Santo – O Pentecostalismo no Brasil*. Petrópolis, Vozes, 1996.

- DREHER, Martin N. *Igreja e Germanidade*. 2ª ed. São Leopoldo, Sinodal, 2003.
- FRANCESCONI, Mario. *Giovanni Battista Scalabrini, Vescovo di Piacenza e degli Emigrati, Città Nuova Editrice*. Roma, 1985.
- HACK, Osvaldo H. *Raízes Cristãs do Mackenzie e seu Perfil Institucional*. São Paulo, Editora Mackenzie, 2003.
- HORNAET, Eduardo. "Missionários Italianos no Brasil", in *Revista Eclesiástica Brasileira*, vol. 14 (174), junho de 1984.
- LÉONARD, Émile-G. *O Iluminismo num Protestantismo de Constituição Recente*. Tradução de Prócoro V. Filho e Loide B. Velasques. Copyright: Universitaires de France, Paris, 1952.
- _____. *O Protestantismo Brasileiro*. Tradução de Linneu de Camargo Schützer. São Paulo, Aste, s/d.
- MARTINS, José de Souza. *O Imaginário na Imigração Italiana*. São Caetano do Sul, Fundação Pró-Memória, 2003.
- MENDONÇA, Antonio G.; VELASQUES FILHO, Prócoro. *Introdução ao Protestantismo Brasileiro*. São Paulo, Loyola, 1990.
- POUTIGNAT, P. e STREIFF-FENART, J. *Teorias da Etnicidade*. 2ª ed. São Paulo, Unesp, 1997.
- PRADO JR., Caio. *História Econômica do Brasil*. São Paulo, Brasiliense, 1945.
- RIBEIRO, Boanerges. *Protestantismo no Brasil Monárquico*. São Paulo, Pioneira, 1973.
- _____. *Igreja Evangélica e República Brasileira (1889-1930)*. São Paulo, Semeados, 1991.
- RIVERA, Paulo Barrera. *Tradição, Transmissão e Emoção Religiosa: Sociologia do Protestantismo Contemporâneo na América Latina*. São Paulo, Olho d'Água, 2001.
- ROLIM, F. Cartaxo. *Pentecostais no Brasil: uma Interpretação Sócio-religiosa*. Petrópolis, Vozes, 1985.
- ROQUETTE-PINTO. *Seixos Rolados*. São Paulo, Nacional, 1927.
- ROSOLI, Gianfausto (cura). *Emigrazione Europee e Popolo Brasiliano*. Roma, Centro Studi Emigrazione, 1987.
- SCHIAVO, Sylvia F. *Lendas da Transcrição: Descendentes de Suíços em Nova Friburgo — RJ*. Niterói, Eduff, 1997.
- SEVERINO, José Roberto. Pesquisa em andamento sobre imigração italiana. Departamento de História da USP.
- SOUZA, Beatriz Muniz de; MARTINS, Luis M. S. (orgs.). *Sociologia da Religião e Mudança Social*. São Paulo, Paulus, 2004.
- VÁRIOS AUTORES. *Por uma Sociologia do Protestantismo Brasileiro*. São Bernardo, Universidade Metodista de São Paulo. Ano XIV, nº 18, junho de 2000.
- VIANA, Márcia Serra Ribeiro. *As Missões Presbiterianas Norte-americanas no Brasil de 1859-1924: Conceito e Instituição*. Tese de doutorado. São Bernardo do Campo, UMSP, 2002.
- ZANINI, Maria Catarina C. *Italianidade no Brasil Meridional*. Tese de doutorado. São Paulo, USP, 2002.
- _____. *Fé, Trabalho e Família: a Construção das Memórias entre Descendentes de Imigrantes Italianos*. Texto inédito.
-